

EGON SCHADEN



LEITURAS DE
**ETNOLOGIA
BRASILEIRA**

EGON
SCHADEN

LEITURAS DE
**ETNOLOGIA
BRASILEIRA**



companhia
editora
nacional

- REDFIELD, Robert, *The Folk Culture of Yucatan*, Chicago, 1948.
- REIS, Arthur César Ferreira, *A Política de Portugal no Vale amazônico*, Belém, 1940.
— *O Processo histórico da economia amazonense*, Rio de Janeiro, 1944.
- RIBEIRO, Darcy, "Convívio e contaminação", *Sociologia*, v. 18, n. 1, São Paulo, 1956.
- STEWART, Julian, "South American cultures: An interpretative summary". *Handbook of South American Indians*, Smithsonian Institution, Washington, Bureau of Amer. Ethnol., B. 143, v. 5, 1949, 669-772.
- STEWART, Julian, e FARON, L. C., *Native Peoples of South America*, Nova York, 1959.
- TENREIRO ARANHA, Bento de Figueiredo, *Arquivo do Amazonas*, Manaus, v. 1-2, 1906-7.
- WAGLEY, Charles, *Amazon Town, a Study of Man in the Tropics*, Nova York, 1953.
- WAGLEY, Charles, e HARRIS, Marvin, *Minorities in the New World, Six Case Studies*, Nova York, 1958.
- WALLACE, Alfred, *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, trad. O. Torres, Série Brasileira, v. 156, 1939.

NOTAS SOBRE A SITUAÇÃO ATUAL DOS ÍNDIOS XIKRÍN DO RIO CAETETÉ

PROTÁSIO FRIKEL (*)

Os Xikrín ou Djóre pertencem à família lingüística jê e constituem, atualmente, o grupo mais setentrional dos índios Kayapó. Seu *habitat* são as terras do rio Caeteté, afluente esquerdo do rio Itacaiúnas, que, por sua vez, é tributário do Tocantins e em cuja confluência está situada a cidade municipal de Marabá. Por duas vezes tivemos ocasião de visitar estes índios, observando as mudanças que entre eles se estão operando. Achamos conveniente apresentar aqui algumas notícias sobre a sua situação atual.

De início seja anotado que, na presente exposição, nos baseamos num relatório mais condensado sobre o mesmo assunto, remetido pela Divisão de Antropologia do Museu Paraense "Emílio Goeldi" à Diretoria do Serviço de Proteção aos Índios.

Apontamentos históricos

Pouco se sabe sobre a origem dos Xikrín, como dos grupos kayapó em geral. É, todavia, certo que não são autóctones da região dos rios Caeteté e Itacaiúnas, para onde imigraram. Para uma avaliação do assunto, podemos apoiar-nos na tradição tribal e no depoimento de pessoas antigas das regiões de Marabá, e do Itacaiúnas, que subiram estes rios até as cabeceiras, já no começo do século, como, ainda, nas atas do SPI de 1952 em diante.

(*) Protásio FRIKEL, "Notas sobre a situação atual dos índios Xikrín do rio Caeteté", *Revista do Museu Paulista*, n. s., v. XIV, 1963, São Paulo, p. 145-158. Reproduzido com autorização do autor.

A tradição tribal conta o seguinte: Antigamente os Xikrín ou Djóre também eram Gorotíre, formando com eles um só e grande bloco. Pormenores sobre a localização dos grupos naquela época não são mencionados. Mas, por causa de desentendimentos a respeito de uma roça de milho, parte deles se separou. Os dissidentes, então, eram chamados, pelos Gorotíre, de "Djóre", isto é, de "aramã", que é uma pequena abelha preta. Estes adotaram o nome, continuando, todavia, a chamar o grupo antigo de "Gorotí" ou "Gorotíre", isto é, dorminhocos (*goro* = dormir; *ti* = grande, muito). Seja intercalado aqui, que a autodenominação dos Xikrín é *Mebênokre* (gente valente, verdadeira). nome comum a todos os Kayapó, ou ainda Djóre-aramã, mas nunca "Xikrín", pois dizem eles que não existe este termo em sua língua e que o nome lhes foi dado pelos civilizados⁽¹⁾.

Os Djóre, pelos desentendimentos com o grupo principal, emigraram do então território comum com os Gorotíre e foram morar, primeiramente, nos Campos do Triunfo. Para esta época, durante a sua estadia nos campos, são mencionadas lutas com os Gorotíre primitivos. Por serem os Djóre o grupo mais fraco, foram em parte dizimados. Resolveram, por isso, emigrar novamente e abandonar os Campos do Triunfo. Não sabemos por quanto tempo ou por quantas gerações os Djóre ficaram morando na região dos campos, mas o fim dessa fase deve, mais ou menos, coincidir com o fim do século passado, época em que os Djóre também tiveram os seus primeiros contactos com os seringueiros do Xingu. Estes acontecimentos são comprovados pelo fato de *Bepkarotí*, o *benadjure-rai* ou chefe principal, um dos mais idosos do atual grupo xikrín, com aproximadamente 80 anos de idade, ainda nasceu nos Campos do Triunfo e, por outro lado, foi lá que seu pai sucumbiu à bala de um seringueiro.

Parece que, como limite norte dos Kayapó, sempre foi considerado o rio Fresco, pois além deste (para o norte) começava o território habitado, essencialmente, por grupos tupí (*Asuriní*), que se estendiam em semicírculos até o Tocantins, incluindo o Caeteté e o Itacaiúnas. Os Djóre, em sua migração, entraram neste novo ambiente e romperam as barreiras formadas pelos grupos tupí, os *Kuben-Kamrékti* e outros, ali residentes. Subiram pelo rio Trairão, ganhando dali os afluentes do alto Caeteté, descendo este. Estabelecendo-se ali, procuraram, primeiramente, expulsar todos os outros moradores do

(1) RIBEIRO (1957:72 e 98) se refere separadamente aos Diore (Djóre) e aos Xikrín; os primeiros no rio Paraopeba (Branco), afluente direito do Itacaiúnas, os últimos também na margem direita desse rio, parecendo considerar os dois grupos à parte, quando na realidade, conforme explicação acima, constituem um único grupo tribal que se autodenomina de Djóre.

médio e baixo Caeteté e alto Itacaiúnas. Estes se retiraram para as regiões das cabeceiras dos afluentes setentrionais do Itacaiúnas, os rios Cinzento, Tapirapé, Preto e outros. Como habitantes primitivos da região, são indicados grupos denominados de *Akokakóre*, cujos últimos remanescentes são identificados, pelos Xikrín, como *Parakanã*.

No ano de 1903 encontramos os Xikrín — agora já conhecidos sob este mesmo nome — como moradores fixos no Caeteté. Temos, aí, o depoimento do Sr. Manuel Pernambuco da Gama, atualmente com mais de 80 anos de idade e residente em Marabá. Não podemos apresentar, aqui, na íntegra, todo o seu relatório. Afirma ele que trabalhou no rio Caeteté desde 1903 até 1913, num lugar denominado de "Cachoeira Feia", tendo tido sempre contactos pacíficos com os índios. Mas ele relata, da mesma maneira, que já em 1903 começaram as hostilidades entre os Xikrín e os invasores seringueiros, havendo mortes em ambos os lados. Estas lutas continuaram, com algumas interrupções, até 1954.

Ao que parece, houve três fases críticas de mais agudas hostilidades. A primeira em 1913, embora não especificando as cifras nem as circunstâncias dos assassinatos; na opinião de Manuel Pernambuco, foi esse o ano em que houve mais mortes na região Xikrín, na década até a Primeira Guerra Mundial. E foi por causa das hostilidades indígenas em geral, que resolveu abandonar o seu trabalho no alto rio.

Durante a Primeira Guerra Mundial, houve uma época de mais calma. Em virtude das dificuldades na exportação, os produtos do rio não eram procurados. Também a produção da borracha caiu, por ser de uma qualidade inferior. Caiu de vez, até hoje. Não se explora mais borracha naquela região. Passada a guerra, aumentou, porém, a procura da castanha, motivo de novas investidas contra os territórios xikrín, ricos em castanhais. Surgiram novos conflitos entre índios e castanheiros, que chegaram ao seu clímax um pouco antes de 1930, na ocasião da grande alta de preços da castanha. Esta época, que podemos considerar a segunda fase crítica, talvez tenha sido o ano mais árduo para os Xikrín. Para vingar dois aviados, mortos pelos índios Xikrín, um tal de Antônio Borges Pires Leal mobilizou 60 homens, subiu com eles o rio, e fez uma chacina entre os Xikrín, dentro de sua própria aldeia, reduzindo-os à metade de sua população. Opina-se que o total dos índios massacrados aqueles dias vai além de 180. Não pouparam ninguém, nem mesmo as crianças.

Em consequência das enormes baixas sofridas, os Xikrín resolveram abandonar o Caeteté. É provável que tenha sido nessa ocasião que se deu uma cisão no grupo, oriunda da falta de entendimento sobre o rumo a tomar. Uma fração, a menor, seguiu para o norte

e estabeleceu-se, depois, no rio Pacajá, afluente do Xingu. Mas a parte maior foi morar na região das cabeceiras dos afluentes direitos do Itacaiúnas, nos altos rios Branco (Paraopeba), Arraias, Vermelho, e Sororozinho. Mas, por serem estas regiões também terras de castanhais, os choques entre castanheiros e índios não demoraram a se repetir, levando à terceira fase de hostilidades, pelo ano de 1952. Desconhecemos os motivos que induziram os índios à agressão. Mas, naquele ano, os Xikrín mataram 10 civilizados num só dia, embora em diversos lugares. Também as atas do SPI mencionam esta matança, chamando-a de "primeiras hostilidades dos índios daquela região do rio Vermelho". Novamente, formou-se uma expedição de represálias, que de fato matou uma série de índios.

Depois deste episódio, começam as tentativas de pacificação dos Xikrín pelo SPI. Ainda no mesmo ano de 1952, o SPI fez a primeira penetração no rio Vermelho, sob a direção do inspetor Dorival Pamplona, que, embora não ignorando as lutas e matanças recíprocas entre índios e castanheiros, fez, todavia, numa das atas existentes na I. R. 2 de Belém, o seguinte depoimento a respeito dos Xikrín: "Dos bandos existentes, o mais domável é o "Xikrín" que, há muitos anos vive, . . . , rodeado de civilizados, exploradores de produtos naturais. . . . Aldeados nas proximidades do Igarapé Sororozinho, afluente do Sororó, no município de Marabá, nunca hostilizaram o elemento branco, se bem que, com sua índole pacífica, tenham sofrido bárbara incursão armada. Comumente apareceram em barracas de castanheiros, levando terçados e pequenos utensílios domésticos, certamente por estarem necessitados e daí vem o dito de os Chikrín serem ladrões. . . ." (Dorival Pamplona, Relatório de 1952). É possível que esses pequenos roubos, repetidos, fossem uma das causas dos desentendimentos e hostilidades.

Um pouco mais tarde, em 1953, numa viagem de 4 meses, Hilmar Harry Kluck, do SPI, visitou várias aldeias xikrín. Em 1954, encontramos um grupo xikrín no Posto do SPI de Las Casas. Evidentemente, não se adaptaram ao regime do Posto, abandonando-o em seguida. Somente umas poucas famílias permaneceram. Todavia, este contacto, embora breve, produziu os seus frutos, pois desde 1954, depois de uma luta de redondamente 50 anos (1903-1954), cessaram as hostilidades abertas entre civilizados e índios daquela região. Os Xikrín, voltando em seguida e em várias etapas para o rio Caeteté, absorveram os sobreviventes dos rios Sororó, Vermelho e Branco, formando nova aldeia comum no mesmo local de 1903, lugar onde os encontramos ainda em 1962, na ocasião da primeira visita que lhes fizemos.

Mudanças na situação dos Xikrín, de 1962 a 1963

Naquele mês de fevereiro de 1962, quando conhecemos os Xikrín do Caeteté, os índios levavam uma vida tribal regular e normal. Conforme um levantamento feito na ocasião, o grupo contava 164 pessoas, abrangendo 65 homens, 50 mulheres, 21 meninos que ainda não freqüentavam a casa-dos-homens, e 28 meninas. Este grupo de gente estava agasalhado em 11 casas, dispostas circularmente, formando, pois, uma aldeia do tipo tradicional (Banner, 1961: 3-4). As instituições vigoravam. Observava-se, intacta, a grande divisão em ciclos de trabalho para os dois sexos, uma das bases para o desenvolvimento interno da cultura material e vida social do grupo. A vida econômica, da mesma maneira, funcionava. Homens e mulheres trabalhavam igualmente para obter o sustento de suas famílias. Os Xikrín não são preguiçosos e fazem as roças grandes. Para garantir a subsistência do grupo, possuíam várias roças dentro de um raio de um dia de viagem. A mais distante foi feita nas margens do rio Seco, chamado por eles de Kam-Krokró, afluente do alto Caeteté. Mencionamo-la, porque deve ser um dos pontos mais avançados dos Xikrín, lugar que lhes serve de ponto de saída para as terras dos Kuben-Kamrektí, um grupo tupí, que, de vez em quando, vão hostilizar. Outrossim, ambos os sexos contribuíam diretamente para o sustento. Diariamente, homens e rapazes iam caçar e procurar jabutis, e as mulheres, da mesma forma, colher palmito de babaçu, frutas ou outras coisas comestíveis. Em outras palavras: o sistema de atividades econômicas funcionava de maneira que ninguém precisava passar fome, embora nem todos ficassem sempre "de barriga cheia". O equilíbrio na distribuição dos mantimentos fazia-se à base de parentesco. A importância da família materna se revela principalmente pela matrilocidade no casamento. O casal, normalmente, fica morando na casa da mãe da mulher. E. Diniz (1962: 22 e 35) e indiretamente, pelo contexto, também Banner inclinam-se a considerar os Kayapó como matrilineares, o que, pelo menos em relação aos Xikrín, não queremos subscrever sem reservas. A terminologia do parentesco kayapó-xikrín não é prova absoluta da existência de um tipo de matrilinearidade, mas permite, da mesma forma, o seu enquadramento num sistema de descendência dupla ou até múltipla, visto que o "compadrio" dos Kayapó, e também dos Xikrín, não é outra coisa senão um sistema que funciona em termos de parentesco patrilinear, herdado sempre e exclusivamente pela linha masculina. Outrossim, os cargos de chefia são transmitidos, normalmente, pela linha paterna (pai-filho-neto), sem considerar a descendência materna. E mesmo as condições de parentesco daqueles que dão o nome à criança, como

Métraux e Dreyfus-Roche (1958:377) e E. Diniz (1962:19) as citam, indicam uma base não puramente matrilinear, mas, provavelmente, dupla. Abre-se, justamente aqui, um vasto campo para novas pesquisas.

Outro aspecto da vida tribal e intimamente entranhado à vida econômica e social do grupo, revelou-se pelo funcionamento da casa-dos-homens, ou como os próprios Xikrín a chamam, a "casa dos solteiros". Pode-se dizer, sem receio de exagerar, que do bom funcionamento da casa-dos-homens depende também o funcionamento social do grupo. Aí, todos os homens se encontram, embora nela morem permanentemente só os solteiros, desde os rapazinhos que chegaram à puberdade, até os viúvos já idosos. Para os moços, a casa-dos-homens é o lugar de instrução e de ensinamento, onde aprendem não só assuntos para a vida prática, p. ex., como fabricar os objetos e utensílios da vida diária, como também aprendem as atitudes a tomar a respeito das relações sociais com os vários grupos dentro da própria sociedade, com os grupos estranhos a eles, hábitos de guerra, costumes de festas etc. Grande parte dos preparativos para as festas era feita na casa-dos-homens: a confecção das máscaras, ensaios de danças e cantigas etc. Pela convivência na casa-dos-homens, sabemos que as festas eram planejadas dentro do grupo dos rapazes. Tivemos ocasião de assistir à festinha da colheita do primeiro milho; outras, como a festa do timbó, a festa dos grupos de nome Bep, Tokok, Nyok etc., a festa do Bô (um tipo de *aruanã*), já estavam ali sendo planejadas com bastante antecedência, para haver tempo de confeccionar a plumária e outros apetrechos de festa. Os mais velhos ou o chefe do grupo, à noite, faziam discursos de instrução, de admoestação e orientação, enquanto a rapaziada se sentava à sua frente, formando semicírculo ou um quadrado aberto, sendo o quarto lado ocupado pelo instrutor (2).

O sistema dos discursos, especialmente à noite, é comum e pertence, igualmente, à vida x'krín. Quem fala, as mais das vezes, é o chefe, dando ordens para o dia seguinte, distribuindo serviços, reclamando contra irregularidades acontecidas. Mas não são só os chefes que discursam. Todo e qualquer homem, e mesmo as mulheres, têm o direito de falar. Os ouvintes, por um lado, dão, fre-

(2) Discordamos de BANNER (1961:20) quando se refere à casa-dos-homens como local onde "as mulheres novas *men-kurerére* são agarradas pelos guerreiros e violadas, vez após vez, à vista de todos. Não são apenas as mulheres solteiras que sofrem, mas também as esposas dos homens mais novos e menos valentes". Trata-se, provavelmente de má interpretação ou de mal-entendido. Também DINIZ (1962:92) deixa entrever um exagero na exploração do assunto. Se um caso destes acontece, é sem dúvida uma exceção que não deve ser generalizada, pois não é este o sentido da casa-dos-homens.

qüentemente, sugestões a respeito do assunto a expor, animam e instigam, e por outro lado respondem. Surgem assim, às vezes, até discussões em público. Os discursos, são para os guerreiros, ao lado das viagens encetadas ou mortes causadas, um dos meios de aumentar seu prestígio dentro do grupo. Observamos índios com verdadeiro talento para a oratória, com gestos e mímica tão expressivos como poucas vezes pudemos observar em nosso próprio meio civilizado.

Estes ligeiros apontamentos, aqui dados, são necessariamente incompletos. Sabemos disso perfeitamente. O que pretendíamos ressaltar aqui, em resumo, é o seguinte: em 1962, na ocasião da nossa primeira visita aos Xikrín, a sua vida tribal funcionava normalmente. Havia um equilíbrio entre as atividades dos homens e das mulheres em favor do grupo, e os vários fatores sociais e suas manifestações (como a divisão em ciclos de trabalho, a economia tribal juntamente com as bases de subsistência, parentesco e matrilinearidade, festas e cerimônias e a função da casa-dos-homens) enquadravam-se de tal maneira que, realmente, existia uma harmonia sem discrepâncias.

No espaço de um ano, contudo, deram-se consideráveis transformações, não apenas demográficas, como também no plano organizatório. Em primeiro lugar registra-se uma cisão no grupo, motivada pela atitude em relação aos civilizados ou, em termos mais gerais, em relação aos produtos da civilização. Uma parte dos Xikrín foi habitar à boca do rio Caeteté, parte essa representada pela geração mais jovem ou pelo menos mais disposta a se adaptar à sociedade nacional, e desejosa de se integrar, como força de trabalho, no sistema econômico local do Itacaiúnas, para eles a única forma de obter meios para satisfazer as novas necessidades culturais, adquiridas com o contacto.

Sabemos, pelo que tem ocorrido com outros grupos kayapó (Diniz, 1962:33, nota 2) que as cisões são, quase sempre, devidas a desentendimentos intergrupais. Aqui o caso não foi este. A cisão não se deu por causa de rivalidades internas do grupo, mas de motivações econômicas diferenciais, entre o setor mais propenso a aceitar novas modalidades de vida e outro mais conservador. Esta atitude revela-se, também exteriormente, pelo procedimento das frações. A aldeia foi queimada, deixando-se somente uma casa em pé para servir de abrigo por ocasião das viagens ou passagens pelo local; e enquanto o grupo dos jovens se aproximava mais dos civilizados, o grupo conservador retirava-se mais para dentro das matas, para a região do já citado Kam-Krokró ou rio Seco. Embora o grupo dos jovens tivesse feito com antecedência um roçado na foz do Caeteté, faltavam, todavia, roças suficientes para garantir-lhes o sustento.

Outrossim, tinham eles, na margem do rio grande, mais facilidade em adquirir ferramentas e outros objetos necessários que faltavam ao grupo do centro. Em consequência disso, passou-se a estabelecer uma certa divisão social de trabalho entre as duas facções. O segmento "tradicionalista" abastecia o outro com gêneros alimentícios e, através dele, comercializava artigos, tais como peles de animais, a que correspondiam, por sua vez, fornecimentos de utensílios e objetos de ferro, como facas, terçados, machados etc., por parte do grupo "progressista".

Vale notar, contudo, que a referida cisão não implicou, por enquanto, ou diretamente, uma quebra da coesão interna, mas tão-somente uma alteração formal da organização social, já que os princípios estruturais básicos ao grupo se mantinham relativamente inalterados, o que permitiria, aliás, um eventual reagrupamento dos Xikrín.

Embora não haja ainda uma quebra da coesão grupal, nota-se, todavia, uma série de mudanças no estabelecimento do grupo e no funcionamento da vida tribal. A nova aldeia, localizada logo abaixo do ângulo da confluência do Caeteté com o Itacaiúnas, já não segue mais o padrão residencial e espacial, definido pela tradição. O termo aldeia já não tem mais o seu sentido primitivo para o grupo. Trata-se, mais propriamente, de uma "ranchada" com as casas dispostas linearmente, ao longo da margem do rio, o que certamente contribui para perturbar o funcionamento do sistema social tradicional. Enquanto, outrora, as famílias se dividiam e se agasalhavam em 11 casas de habitação, agora moram reunidas em somente 5 barracas. Nestas circunstâncias, as famílias de parentesco mais próximo se congregaram, dando origem, pelo ajuntamento, a núcleos que, na vida social, agem como pequenos "grupos políticos", disputando entre si o poder e a influência. Os mais fracos, os da "minoría" têm que sujeitar-se aos grupos mais fortes, o que fazem a contragosto. Fermenta, assim, no ambiente, um descontentamento do qual resulta surgirem sempre novos líderes grupais. Observamos que, já neste grupo dissidente, existem novamente duas facções: uma que está a favor de sua entrega total à civilização, ou, o que é pior, aos chamados "civilizados", representantes da frente castanheira da região; e outra, que deseja restringir os contactos, aproveitando, porém, os bens da civilização, enquanto são necessários para seus trabalhos, sem sacrificar, contudo, a sua autonomia. Estas atitudes já se delineiam bastante e resultarão, provavelmente, em nova cisão, senão na desintegração total do grupo.

É natural que, com estas tendências e lutas internas, a sociedade indígena sofra mesmo em sua parte econômica. Necessaria-

mente, os Xikrín vão caçar, vão coletar, vão à roça, enquanto houver algo para desfrutar. Mas os homens já não se querem afastar da aldeia por muito tempo; querem ficar perto dela, especialmente na época da castanha, quando os motores e os castanheiros sobem e descem o rio, ocasião para negociatas. E os índios já não querem perder estas ocasiões, quando podem, inclusive, obter farinha. Em resumo: negligenciam assim a caça e a coleta, passando, às vezes, dias inteiros com fome, na esperança da chegada dos motores, agravando assim a sua situação de dependência dos civilizados e aumentando as tensões a que já nos referimos.

De festas e cerimônias nem falam. Perguntados, responderam que não as podem mais fazer por não terem lugar apropriado na aldeia nova.

O que, porém, mais desarticula a vida do grupo é a falta da casa-dos-homens. Além de se interromper todo o funcionamento social a ela ligado, conforme já vimos, os próprios homens não casados sentem-se supérfluos na aldeia. Os casados estão com a mulher e os filhos. Mas os jovens e não casados não têm direito de ficar nas esteiras de famílias; não têm onde ficar. Explica-se assim o caso de, por sermos também solteiro, a rapaziada se agrupar ao nosso redor e, depois de poucas semanas, a nossa casa de moradia, começar a funcionar como casa-dos-homens. Grande parte dos rapazinhos que sentiam vexame de dormir no meio das mulheres, nas casas familiares, dormiam sob o alpendre da nossa casa ou ao lado dela, ao relento⁽³⁾. A ausência da casa-dos-homens, originando a falta de coesão dos rapazes, guerreiros e caçadores, explica, também, a tendência sempre crescente dos jovens de quererem ir embora para os castanhais ou outros lugares, abandonando a aldeia⁽⁴⁾.

Comparando a situação dos Xikrín em 1962 e 1963, nota-se que, pelo contacto com a civilização, foram agravadas de muito as possibilidades de dissociação do grupo⁽⁵⁾.

(3) Nessas circunstâncias houve proveito mútuo. Os rapazes iam caçar e procurar jabutis para nós, e pagávamos o serviço com farinha e arroz, fazendo cozinha comum e comendo em conjunto.

(4) Talvez este fato explique também a frequência com que jovens Timbira (Canelas, Xerente etc.) organizam viagens que, às vezes, se estendem até as capitais do Sul e do Nordeste.

(5) Estamos convictos de que os Xikrín não resistirão à pressão da frente castanheira e sua influência desintegradora, a não ser que imediatamente se promova um programa de assistência. Ainda não temos conhecimento de providências que registrem a presença, ou do SPI, a quem mandamos um relatório bastante detalhado, ou de missões, sejam elas católicas ou protestantes. Assim, os Xikrín, desde já, estão condenados a perecer dentro de poucos anos, tal como vem acontecendo com outros grupos kayapó, a exemplo dos citados no relatório de MOREIRA NETO (1959).

Contactos atuais com a frente castanheira

Falamos, no início deste trabalho, sobre os primeiros contactos e as daí resultantes hostilidades entre os Xikrín e os civilizados. Mas pouco temos dito sobre as relações que os Xikrín, atualmente, com eles têm e mantêm. Em comparação com os decênios passados, também aí houve mudanças de atitude, sendo elas, talvez, as mais incisivas e das quais provém, em última análise, toda a situação dos Xikrín nestes últimos dois anos. Antes de 1962, não faltavam contactos com os civilizados; mas não eram muito freqüentes e podem ser considerados como esporádicos. Um ou outro castanheiro, uma vez por ano, mandava o seu motor de popa até a aldeia para recolher castanha cortada pelos índios ou para comprar algumas peles. Outrossim, pela falta de mulheres nos castanhais, aproveitava-se a ocasião para "conhecer as fêmeas da aldeia", segundo a gíria regional. Resultava daí a introdução da prostituição nos moldes da civilização, porque esses favores eram pagos à base de facas, terçados etc., ou mesmo de farinha. Ávidos por instrumentos de ferro, os Xikrín procuravam vincular-se à economia dos neobrasileiros: os homens catando castanha ou trabalhando, ocasionalmente, em castanhais; as mulheres se entregando, em troca de remuneração.

Enquanto este estado na aldeia velha, até 1962, tinha um caráter "ocasional, esporádico", o quadro, depois da mudança do grupo para a foz do Caeteté, mudou por completo. A função da "ranchada" xikrín, em relação à população cabocla, tomou um novo aspecto. Em consequência da sua localização e em face à intensidade do tráfego de castanheiros em demanda do alto Itacaiúnas, aquela povoação se transformou em uma espécie de pousada e posto de comércio. Contudo não se trata apenas de pousada: na realidade, o povoado passou a se constituir, simultaneamente, em "hotel e bordel" para a população castanheira, que ajeita as suas viagens de maneira a pernoitar na aldeia⁽⁶⁾. O poder das armas de fogo que o castanheiro praticamente não larga, a consciência da própria inferioridade face aos "civilizados" e da sua dependência cultural em relação à sociedade nacional, levou os Xikrín a entregar suas mulheres sem maiores resistências. Atualmente, porém, à medida que se agudizam as contradições entre as duas sociedades em contacto, começam os Xikrín a opor resistência a esta prática, mesmo porque já perceberam que, através do contacto sexual de suas mulheres com

(6) Certa ocasião, nós mesmo nos opusemos a um desses donos de castanhais, que pretendia levar duas mulheres Xikrín rio acima para servirem de prostitutas aos seus aviados.

castanheiros, tem o grupo contraído doenças venéreas, comuns entre a população cabocla⁽⁷⁾.

Os efeitos maléficos, no que se refere a doenças, não se limitam, apenas, a moléstias venéreas. O contacto, cada vez mais freqüente, provocou, ainda, o desencadeamento de epidemias de gripe, dermatoses etc. Em janeiro deste ano (1963), o surto de gripe estava no seu auge, só não causando maiores males porque levamos em nossa bagagem uma substancial reserva de medicamentos. Dias houve em que aplicamos mais de 50 injeções de antibióticos. A última epidemia, de um mal ainda não identificado, provocou 12 mortes entre janeiro e meados de março, e 5 casos de hemiplegia esquerda. Com mais 6 casos de mortes no grupo do centro, os contactos de menos de um ano diminuíram de, redondamente, 10% a população xikrín.

Dissemos que os Xikrín estão começando a opor resistência a certas exigências dos neobrasileiros. Esta resistência se estende, também, ao setor econômico e comercial. Estão começando a sentir a frustração de suas aspirações, face aos resultados negativos da interação com a sociedade cabocla. O contacto era, inicialmente, desejado e os Xikrín acreditavam que com ele adviriam transformações vantajosas para o grupo. Aos poucos, porém, vão tomando consciência dos efeitos negativos deste contacto. Por um lado, aqueles que se engajaram na coleta da castanha começam a perceber em que medida são espoliados. O mesmo ocorre com aqueles que "vendem" aos brasileiros couros de onça, de porco ou de outros animais. Assim, por exemplo, receberam por um couro de onça, no valor de mais de Cr\$ 20.000,00, um punhado de balas ou um terçado, no valor máximo de Cr\$ 500,00. Todavia, os Xikrín começam a perceber o valor de troca dos seus artigos. As relações comerciais, inicialmente fonte de euforia social, começam a se constituir, dado o seu caráter altamente espoliativo, em focos de tensões sociais entre índios e brasileiros.

Alguns arrendatários de castanhais têm conduzido índios para abrir picadas, a fim de iniciar a exploração de novos castanhais. Mesmo considerando o baixo nível de remuneração do trabalho naquela área, o pagamento ao trabalhador indígena, ao "bicho", como é chamado, é sempre inferior aos do "cristão". Por outro lado, as

(7) Vale indicar, neste lugar, um artigo de Darcy RIBEIRO sobre "Convívio e contaminação", cujos exemplos e deduções a respeito de contactos e doenças como gripe, sarampo etc., aqui se enquadram largamente, mostrando entre outras cousas, a repetição dos fatos. Como um dos exemplos mais marcantes, que coincide com a situação Xikrín, citaremos o que escreve a introdução da blenorragia entre os Xokleng: "Foi introduzida por uma índia... Através do sistema de relações sexuais, dentro da tribo, passou a moléstia ao marido, este a outras mulheres, contaminando, por fim, grande número de pessoas. Quando a epidemia foi descoberta, muitos estavam afetados de forma grave, resultando vários casos de morte, esterilidade e cegueira" (1956:14).

mercadorias, vendidas ao índio, sofrem, regularmente, uma sobretaxa, com o que o patrão consegue reter uma parcela adicional do produto do trabalho indígena. Do que resulta, obviamente, uma situação de permanente endividamento. Em outras ocasiões ainda, é aberta e escandalosamente roubado⁽⁸⁾. Da parte do índio há uma progressiva tomada de consciência dessa situação, do que poderá resultar, em futuro breve, uma luta armada. Por enquanto, são compelidos a aceitar essa situação pela necessidade de obter produtos comercializados, especialmente armas. Temos exemplos de índios que estão procurando armazenar munições para enfrentar o que chamam de Kuben punú (gente ruim, civilizado que não presta).

Além deste, há outros indícios de que a situação entre índios e civilizados está ficando cada vez mais tensa. No entanto, as autoridades locais recusam-se a admitir, formalmente, a possibilidade de emergência de uma situação de conflito. Afirmam sempre que o problema não existe, o que pode constituir uma forma de evitar a "oficialização" de tal perigo, e por implicação, dos mecanismos espoliativos descritos, tornando mais fácil a adoção de uma medida radical. Uma das próprias autoridades de Marabá chegou a afirmar que, caso o problema viesse a se manifestar, "saberia como resolvê-lo". Os métodos que seriam empregados, podem ser facilmente previstos: massacre da população indígena.

Por um lado, a radicalização do conflito, por outro lado a consciência, por parte dos Xikrín, de sua inferioridade de equipamento e número face aos neobrasileiros, na eventualidade de uma nova luta armada, levou à adoção de um mecanismo de solução de tensões, isto é, de "válvula de escape", que consiste em desenvolver um clima de animosidade voltado contra os grupos indígenas vizinhos, os Kre-anköre (Araras) e Kuben-Kamrékti (Asuriní), clima este que poderá, com o acúmulo de tensões, conduzir à eclosão efetiva de hostilidades intertribais.

Resumindo, pode-se dizer que a aproximação dos Xikrín da frente pioneira nacional se reflete sobre eles de dupla maneira e, ambas as vezes, de um modo negativo.

(8) Gostaríamos de acrescentar, aqui, um exemplo típico. Em abril deste ano de 1963, após a nossa volta dos Xikrín, o P.^e Carron O.P. visitou os Xikrín por alguns dias. Trouxe ele uma nota de contas de um índio, fornecida por seu patrão. O P.^e Carron assistiu, pessoalmente, à entrega de 29 hectolitros de castanha. Na nota apareceram somente 16, à razão de Cr\$ 400,00 cada, o que dá um total de Cr\$ 6.400,00, quando o preço local passava de Cr\$ 2.000,00 o hectolitro. Na mesma nota constavam compras do índio no valor de Cr\$ 7.700,00, figurando aí 1/2 quarta de farinha por Cr\$ 1.000,00, dois calções que nunca foram encomendados nem fornecidos, por Cr\$ 800,00 e outras coisas mais; de modo que o índio ficou devendo ao "patrão" Cr\$ 1.300,00, enquanto este ainda obteve um lucro de cerca de Cr\$ 25.000,00 só nos 13 hectolitros de castanha roubada.

a) Em relação à sua própria vida tribal e social: da desarticulação das instituições tribais e da falha no funcionamento das mesmas, daí oriunda, resultou a incipiente desorganização tribal.

b) Em relação ao contacto com os civilizados: do sistema espoliativo empregado pelos castanheiros e da frustração, sentida e já compreendida, de suas aspirações aculturativas (que aliás inclui importante fator psicológico, a saber, o da discriminação racial, mantido pelos neobrasileiros em bases e termos de "bichos" para os índios e de "cristãos" para si mesmos), resultou uma tensão que só não explode por causa da manifesta inferioridade no equipamento material dos Xikrín, mormente no que diz respeito a armas.

Não nos compete vaticinar sobre o futuro destes índios. Todavia, pode-se deparar com o seguinte: se dentro de um só ano de contactos mais frequentes, as instituições e a vida indígenas ficaram tão abaladas, os Xikrín, em vista das circunstâncias expostas, provavelmente não terão bastante força para se preservarem, eficientemente, das influências da frente coletora de castanha; e que, portanto, o prazo de existência dos Xikrín como grupo ou sociedade, será bastante limitado⁽⁹⁾.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANNER, Horace, "O índio kayapó em seu acampamento", *Boletim do Museu Paraense "Emílio Goeldi"*, Antropologia, n. 13, Belém 1961.
- DINIZ, Edson Soares, "Os Kayapó-Gorotire", *Boletim do Museu Paraense "Emílio Goeldi"*, Antropologia, n. 18, Belém, 1962.
- MÉTRAUX, A., e DREYFUS-ROCHE, S. "La naissance et la première enfance chez les Indiens Cayapó du Xingu", *Miscellanea Paul Rivet*, México, 1958.
- MOREIRA NETO, Carlos de Araújo, "Relatório sobre a situação atual dos índios Kayapó", *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. VII, 1959, p. 49 ss.
- RIBEIRO, Darcy, "Convívio e contaminação", *Sociologia*, v. XVIII, n. 1, São Paulo, 1956.
- "Línguas e culturas indígenas do Brasil", *Educação e Ciências Sociais*, n. 6, Rio de Janeiro, 1957.

(9) Tal como outros etnólogos que lidaram com grupos kayapó, especialmente Carlos MOREIRA NETO (1959:49 ss), queremos também, aqui, deixar manifesta a nossa opinião de que, para resolver os problemas de conflito e tensão existentes entre índios e neobrasileiros, seria necessária uma imediata e permanente assistência sanitária, um controle rigoroso dos contactos individuais e comerciais, e a garantia, dada aos índios, da posse das terras do Caeteté e de seus castanhais, que lhes são fonte de subsistência e de renda. O encaminhamento deste problema, porém, compete às autoridades que, para esta finalidade, foram constituídas. O nosso escopo foi, somente, relatar e tornar compreensível uma série de problemas que a mudança, originada pelo contacto com os civilizados fez surgir dentro do curto espaço de um ano. Fica expresso, aqui, o nosso pesar e a nossa simpatia pelos Xikrín, um dos últimos grupos kayapó ainda independentes, embora em vias de desintegração total.